

## **ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NUMA TURMA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PRIVADA NA CIDADE DE LIMOEIRO-PE**

Jaqueline Mirelle de Melo Nascimento Silva; Adlene Silva Arantes (orientadora).

*Universidade de Pernambuco- UPE, Campus Mata Norte.  
jaquellinenascimento@hotmail.com*

*Universidade de Pernambuco- UPE, Campus Mata Norte.  
adlene.arantes@hotmail.com*

### **Resumo**

O objetivo do nosso trabalho foi investigar práticas docentes com vistas a perceber se estas valorizavam a história e a cultura africana e afro-brasileira no cotidiano de uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola privada no município de Limoeiro-PE. Consideramos que tais saberes são de suma importância para o desenvolvimento de valores positivos nos indivíduos.

As respectivas práxis foram investigadas através de observações. Mediante esse estudo se fez necessário uma intervenção para a qual optamos pelo uso da literatura infantil. Também fizemos questionários que foram direcionados aos professores. A abordagem utilizada nesta investigação foi pesquisa qualitativa, tendo como ferramenta metodológica a pesquisa-ação. Como inserções da temática, realizamos oficinas utilizando de sete livros de literatura infantil afro buscando a valorização da identidade da criança negra e a história e cultura africana e afro-brasileira, com o intuito de propagar valores que nos remetem ao respeito com o próximo e suas diferenças. Os resultados dos dados revelaram que alguns professores desconheciam a Lei 10.639/2003, porém a maioria abordava de maneira simplória, sem muito aprofundamento a temática em questão. Partindo dessa realidade buscamos nas oficinas realizadas a participação dos estudantes que de fato foi notável e o modo que interagiram foi gratificante. Na primeira oficina as crianças puderam fazer seu autorretrato, após terem se olhado num espelho que estava dentro de uma caixa. Visto que a história contada antes dessa oficina retratava uma garotinha que não gostava do seu reflexo. Percebemos que eles têm uma autoestima elevada, desenharam com cuidado e carinho. Na segunda oficina cada grupo escolheu um livro, leram e fizeram a interpretação por escrito. Quanto aos professores gostaram muito da intervenção e acharam muito importante o uso da temática e decidiram utilizá-la em outros momentos. Concluímos que, através de atos simples como a contação de uma história podemos transferir o conhecimento ao próximo deixando uma reflexão tão importante, que pode fazer um indivíduo mudar seus pensamentos.

**Palavras-chave:** Práticas docentes, Cultura africana e afro-brasileira, Literatura infantil.

### **Introdução**

Resultando em refletir o problema no cotidiano escolar voltado a diversidade cultural, juntamente com o preparo dos professores para explorar atividades voltadas a esse ensino e a execução da Lei 10.639/03, fez-se necessário um estudo com o objetivo de investigar práticas docentes que refletissem na valorização da história e cultura africana e afro-brasileira no cotidiano de uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola privada no município de Limoeiro-PE.

Sabendo que a Lei 10.639/03 que alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e obrigou que fosse inserido no currículo o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira deixou de ser obrigatória devidas mudanças atuais, nos causando muita preocupação. Entretanto não podíamos, nem podemos desistir de lutar, pois a Lei pode não ser mais obrigatória, mas é essencial que a trabalhemos, pois a demanda do preconceito, principalmente racial ainda está afetando muita gente.

A Lei 10.639/2003 proporcionou a inserção dos artigos 26 A e 79 B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional, LDB, 1996:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro- Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia da Consciência Negra” (BRASIL, 2003).

Quatorze anos após ser decretada e agora não mais obrigatória, porém necessária, ainda observamos que em algumas escolas sua execução é simplória. Infelizmente, o povo negro é lembrado apenas nas datas comemorativas como treze de maio e vinte de novembro, quando na verdade o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira segundo a Lei deveria ser acrescentado no componente curricular das disciplinas de Educação Artística, Literatura e História do Brasil, enriquecendo ainda mais o conhecimento e os conteúdos dessas disciplinas.

Visto que cada docente responsável por ministrar essas disciplinas precisariam ter todo o preparo e apoio para poder atuar com responsabilidade e segurança, quanto aos conteúdos.

Essa atitude proporcionaria aos estudantes afro-brasileiros um sentimento de respeito causando uma aproximação maior entre todos independente da sua etnia, pois ao conhecer melhor o outro poderiam reconhecer a diversidade cultural, fazendo com que aos poucos o preconceito, a injustiça, os estereótipos e a perseguição fossem excluídos. Entretanto o interesse dos professores e o discernimento dos estudantes para o

conhecimento é que fariam a diferença. “Não há preconceito racial que resista à luz do conhecimento e do estudo objetivo. Neste, como em tantos outros assuntos, o saber é o melhor remédio.” (Fernando Henrique, 2000, p.9).

Quando debatemos sobre a cultura africana e afro-brasileira, tal conhecimento não deve ser limitado apenas nos muros da escola, é preciso que o aprendizado seja tão significativo na vida do estudante, que o faça levar adiante, principalmente para o seio familiar, pois é nele que está a primeira escola de todo ser humano. Nenhum indivíduo nasce preconceituoso, a sociedade e a ignorância é que o levam a ser, seja ele negro, branco, ou índio. Então é fundamental que todas as etnias tenham essa compreensão, como afirma a citação abaixo.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. (MUNANGA, 2005, p.16).

Quando nos referimos logo acima a respeito da família e do indivíduo não nascer preconceituoso, estava implícita a questão da educação que Munanga nos relata nesse trecho do seu livro *Superando o racismo na escola*, pois de fato é no âmbito da família, ouvindo e vendo as atitudes dos pais que as crianças, mais tarde adolescentes e adultos na sua grande maioria brancos ou afrodescendentes que se denominam “brancos”, tornam-se preconceituosos. Sendo assim, quando o resgate dessa memória é levado a todos de maneira lúdica e responsável é muito provável que o retorno seja positivo.

Nessa perspectiva do lúdico e do responsável abordamos um levantamento de dados na escola citada no início desse artigo, através de um questionário voltado aos professores e com os estudantes trabalhamos a literatura infantil afro, também chamada de literatura negra, como explica o trecho abaixo.

A literatura negra é uma forma prazerosa de romper com o silêncio ideológico do racismo, de levar o aluno-leitor a perder-se na leitura, e, no labirinto do texto, encontrar respostas acerca da convivência inter-racial, assim como, a formular questões para uma nova ordem de maior autoestima, tolerância e solidariedade. (MACHADO, 2012, p. 16).

Ao refletirmos as palavras de Machados encontramos uma maneira simples de adentrarmos na história da comunidade negra, pois a leitura é uma porta para um mundo encantado, é um mergulho no oceano de ideias, é um despertar no mundo da imaginação, da arte e da cultura, como afirma Coelho (2000, p.27), “funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível e impossível realização”.

Sendo assim trabalhar o livro infantil de maneira lúdica norteia um caminho capaz de desenvolver no indivíduo sentimentos, emoções e sobre tudo conhecimentos. Um conhecimento voltado à extinção de pensamentos e atitudes preconceituosas que atualmente ainda é um descaso numa sociedade composta por uma diversidade de culturas ricas e dignas de respeito.

## **Metodologia**

A abordagem utilizada nesta investigação foi pesquisa qualitativa, tendo como ferramenta metodológica a pesquisa-ação. Na pesquisa-ação existem vários passos, a identificação do problema, o levantamento de dados, a análise desses dados, a necessidade de mudança, e a possibilidade de solução com uma intervenção. Visto que esses passos devem ser dados por alguém, um indivíduo, que está envolvido no ambiente e atento a essas ações, como afirma a citação abaixo.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Tendo em vista o que diz a citação acima, fica claro como funciona a pesquisa-ação, ou seja, existe um problema que afeta o coletivo, onde o pesquisador deve planejar algo para que junto com os participantes, os estudantes, haja a resolução.

Porém, esse planejamento tem todo o processo, e tudo começa na escolha do tema, esse tema deve ter um significado e o indivíduo deve se identificar “é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados nas ações ou entre os atores da situação” (Thiollent, 1985, p. 16).

Para que assim possa ser realizado um trabalho com confiança e propício a conquistas, como será salientado no decorrer do texto.

O trabalho foi elaborado com o propósito de mostrar que com atitudes simples podemos mudar o pensamento do outro de forma positiva. Utilizar de uma ferramenta tão importante nos mostrou como uma mensagem pode chegar a uma criança e a mesma pode interpretá-la com êxito. Como inserção usamos a literatura infantil afro através de oficinas para refletir a história e a cultura africana e afro-brasileira que está introjetada nas nossas raízes, no nosso dia a dia, trabalhando a autoestima, o preconceito, a nossa identidade, e o mais importante o respeito às diferenças, o respeito ao próximo, os valores.

## **Resultados e Discussão**

Destinado a oito professores da escola, dentre eles docentes da educação infantil, fundamental I e fundamental II, mediante uma coleta dos dados (questionário), fez valer o conhecimento da Lei, a prática docente, a importância da temática, ou seja, o que de fato os educadores conheciam e praticavam da Lei.

Após analisarmos todos os questionários chegamos à conclusão que dos oito professores, dois tinham o conhecimento da Lei. Quanto às práticas docentes voltadas a história e cultura africana e afro-brasileira, seis abordavam em sala, incluindo os dois que tinham o conhecimento da Lei. Referente à importância da temática, todos afirmaram.

Diante dessa realidade, percebemos que de fato os professores podiam não ter na sua grande maioria o conhecimento da Lei, porém, atuavam com uma educação contra a desigualdade, com respeito à inclusão, entretanto de uma maneira bem sucinta.

Isso nos causou uma inquietação e nos levou a uma inserção com a literatura infantil afro através de oficinas<sup>1</sup>.

A primeira oficina foi intitulada Somos diferentes, somos importantes e a segunda Exposição de Literatura infantil afro-brasileira – A arte de interpretar.

Na primeira oficina Somos diferentes, somos importantes; utilizamos o livro O Cabelo de Lelê, de Valéria Belém (2007), com ilustrações de Adriana Mendonça. A respectiva obra faz parte do Plano Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e oferece um enredo que prende a atenção do leitor, pois além de um texto magnífico, traz consigo imagens belíssimas e bem

---

<sup>1</sup> As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. (CANDAUI, 1999, p. 11).

marcantes. O texto conta a história de uma menina que se inquieta ao se olhar e que não gosta do que vê, persistindo na dúvida, “de onde vêm tantos cachinhos? pergunta, sem saber o que fazer.” (Belém, 2012, p. 5).

Se observarmos bem, essa dúvida de Lelê pode estar em muitas crianças, que não tendo o conhecimento adequado acabam revelando o preconceito em si mesmo. Como mostra o trecho abaixo.

Faz-se necessário que tanto as educadoras quanto as crianças e seus familiares tenham acesso aos conhecimentos que explicam a existência das diferentes características físicas das pessoas, os diferentes tons de cor de pele, as diferentes texturas dos cabelos e formato do nariz, buscando valorizar tais diversidades. (BRASIL, 2006, p. 45).

Esses conhecimentos são de suma importância e deveriam chegar até a criança primeiramente pela família para que depois, quando a mesma ingressasse à escola, sua formação já tivesse uma base forte e bem alicerçada sobre sua identidade, sua cultura e sua raiz.

Nessa perspectiva utilizamos a obra de maneira lúdica e prazerosa com os objetivos de contribuir para a descoberta da beleza no que vê, reconhecendo a origem de sua identidade, promovendo a exclusão dos estereótipos e estimulando a percepção e o respeito das diferenças, possibilitando aos estudantes a construção de uma autoestima, quanto sua identidade. A oficina foi dividida em duas partes: Na primeira colocando um edredom no chão e formando um grande círculo, apresentamos o livro, em seguida fizemos a contação da história, depois solicitamos aos estudantes que tirassem de dentro de uma caixa perguntas sobre o texto e as respondessem oralmente. Durante a discursão buscamos explorar a importância da identidade e de elementos do Continente africano, seus países, costumes e cultura. Na segunda parte pedimos que os estudantes circulassem entre eles outra caixa, onde cada um deveria olhar o seu interior e sem contar o que haviam visto, passassem a caixa adiante. Dentro da caixa havia um espelho e após olhar, todas as crianças tinham que responder a seguinte pergunta: Você gosta do que ver?

Os estudantes participaram de forma contagiante, se envolveram e acharam a dinâmica muito divertida. Para concluir, pedimos que as mesmas desenhassem o que haviam visto dentro da caixa descobrindo a beleza única que refletia sua identidade. A princípio algumas crianças demonstraram um pouco de timidez, mas ao decorrer do processo foram soltando a criatividade e os desenhos foram tomando formas.

Quanto à resposta, todos disseram sim e percebemos que os estudantes não demonstraram baixa autoestima, e tiveram o cuidado de não mostrar ao próximo o que estava dentro da caixa, causando um leve e divertido suspense.

Na manhã seguinte realizamos a segunda oficina, Exposição de Literatura infantil afro-brasileira – A arte de interpretar; que teve como objetivo promover através da literatura infantil afro-brasileira o desenvolvimento da cultura, da criatividade, do conhecimento e dos valores.

Organizamos as obras e expusemos sobre o birô da sala dividindo a turma em cinco grupos. Para essa oficina utilizamos sete livros, dentre eles *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado (1986), com ilustrações de Claudius; *Que cor é minha cor*, de Martha Rodrigues (2005), com ilustrações de Rubem Filho; *Minha Mãe é Negra Sim!*, de Patrícia Santana (2008), com ilustrações de Hyvanildo Leite; *Meninas Negras*, de Madu Costa (2010), com ilustrações de Rubem Filho; *Lindara*, de Sonia Rosa (2009), com ilustrações de Marcial Ávila; *O Cabelo de Lelê*, de Valéria Belém (2007), com ilustrações de Adriana Mendonça e para finalizar a obra *Bruna e a Galinha D'angola*, de Gercilga de Almeida (2011), com ilustrações de Valéria Saraiva.

Dentre essas opções foi sugerido que um membro de cada grupo escolhesse uma obra, cujo processo era ler e fazer uma reflexão por escrito. Depois de feita a reflexão cada grupo leu a obra e em seguida ao perguntarmos “O que vocês entenderam da história?”, cada equipe leu sua reflexão. Lembrando que essas oficinas foram realizadas com estudantes do 5º ano do ensino fundamental com idade de nove anos.

Vejamos duas reflexões das cinco registradas pelos estudantes:

- “O livro fala sobre a mistura de raças no Brasil e as várias cores que tem das pessoas e a menina que narra o livro fica feliz com sua cor”. (ESTUDANTES do 5º ano/ Equipe 1/ Obra: Que cor é minha cor?).

Aqui podemos ver uma reflexão baseada no que foi lido da obra *Que cor é minha cor?* Um livro pequeno com um texto poético, trazendo imagens bem vivas e coloridas. Essa obra é narrada por uma personagem negra que descreve a sua cor com muito orgulho e amor, “minha pele é da cor das folhas de amendoeira no outono.” (Rodrigues, 2005, p. 5).

- “Nós entendemos que sua professora disse que era para desenhar sua mãe de amarelo e ele ficou triste e seu avô disse que era pra ter orgulho da sua cor negra”. (ESTUDANTES do 5º ano/ Equipe 5/ Obra: Minha Mãe é negra sim!).

Logo acima temos a reflexão com base na obra *Minha Mãe é Negra Sim!* A trama dessa obra inicia numa sala de aula, porém logo aborda a família, pois conta a história de um menino negro que durante um trabalho de Artes sentiu-se obrigado a pintar o desenho de sua mãe de amarelo, entretanto sua mãe era negra. E assim uma tristeza embalou o menino.

Podemos perceber que foram reflexões simples, porém, de grande demonstração de sensibilidade por crianças de apenas nove anos.

As oficinas forneceram uma troca de experiência e aquisição de conhecimento de forma lúdica, dinâmica, diferente e bem direcionada ao público infantil, capaz de transformar de forma construtiva e positiva o olhar e o pensar de um indivíduo através da literatura no contexto da história africana e afro-brasileira.

## **Conclusão**

Constatamos através dos dados coletados em forma de questionário, que alguns professores desconheciam a Lei, entretanto a abordavam em sala de forma bem simples e resumida. Nessa realidade buscamos diferenciar essa prática nos remetendo aos estudantes com uma forma lúdica, o conhecimento da temática a partir da literatura infantil afro-brasileira mediante oficinas. Ambas as oficinas estavam centradas em aproximar os estudantes a um universo rico e significativo voltado a história e cultura africana e afro-brasileira.

Foram realizadas duas oficinas, a primeira intitulada; *Somos diferentes, somos importantes* e a segunda *Exposição de Literatura infantil afro-brasileira – A arte de interpretar*. Na primeira trabalhamos o livro; *O cabelo de Lelê* que após a contação fizemos uma dinâmica buscando enfatizar a autoestima, enxergando a beleza no que vê, através de um espelho. Na segunda utilizamos todos os livros numa exposição, onde em grupos os estudantes escolheram cada qual sua obra para ler e refletir.

Em todas as oficinas as crianças participaram e mostraram interesse nas atividades propostas. Ouviram com atenção a história, participaram dos questionamentos sobre o livro, colaboraram na hora que a caixa com o espelho circulou pela sala, desenharam com muito carinho o reflexo no espelho. Escolheram as obras com cuidado, fizeram a leitura e a reflexão.

Foi muito importante e gratificante trabalhar com essa turma depositando um pouco desse conhecimento que sabemos o quão é seu valor para a formação de um cidadão.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei 10.639 de janeiro de 2003**. Brasília: 2003.

BRASIL, **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**: editora IBEP-Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas.

CANDAU, Vera Maria. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: 1999.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é minha cor?**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio à impressão (2000). In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

MACHADO, Serafina Ferreira. **A CRIANÇA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA**. Ivaiporã: 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez 1985.